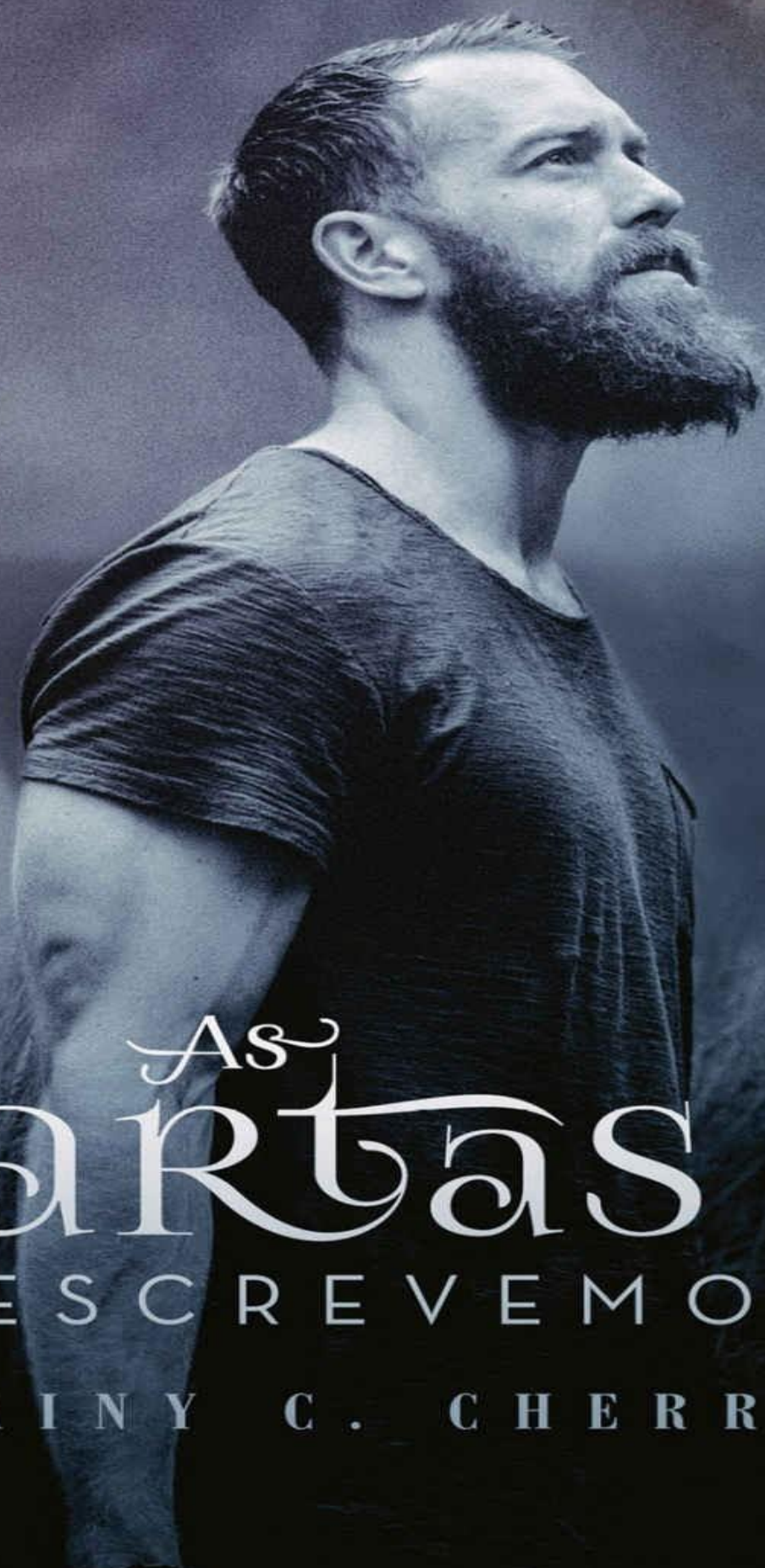




As
Cartas

QUE ESCREVEMOS

BRITTAINY C. CHERRY

CL



Obras da autora publicadas pela Editora Record

Sr. Daniels

As cartas que escrevemos

Série *Elementos*

O ar que ele respira

A chama dentro de nós

O silêncio das águas

A força que nos atrai

B R I T T A I N Y C . C H E R R Y

As
CARTAS
QUE ESCRREVEMOS

Tradução
Andréia Barboza

1ª edição



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2018



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C449c

Cherry, Brittainy C.

As cartas que escrevemos [recurso eletrônico] / Brittainy C. Cherry ;
tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2018.
recurso digital

Tradução de: The letters we wrote

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11494-5 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Barboza, Andréia. II.
Título.

18-48703

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Copyright © Brittainy C. Cherry, 2018

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de
quaisquer meios. Os direitos morais dos autores foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se
reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11494-5

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e
receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:



mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Sumário

CAPÍTULO 01
CAPÍTULO 02
CAPÍTULO 03
CAPÍTULO 04
CAPÍTULO 05
CAPÍTULO 06
CAPÍTULO 07
CAPÍTULO 08
CAPÍTULO 09





CAPÍTULO 01

JAKE

— Você realmente deveria repensar essa viagem — Carol, minha agente, me atormentou ao telefone minutos depois que aterrissei em Kansas City, no Kansas, a duas horas de distância da minha cidade natal, Rust. — Pegue o próximo voo e volte a Los Angeles. Podemos dar uma olhada em alguns scripts que chegaram para você e discutir o comercial que...

— Já te disse que não vou fazer — eu a cortei. Nos últimos dois meses, Carol vinha insistindo para que eu gravasse uma série de comerciais de carros de luxo. Ela estava convencida de que eu seria o próximo Matthew McConaughey, mas em vez do slogan que ele costumava usar “Tudo bem, tudo bem, tudo bem”, ela queria que eu falasse “Sim, sim. Sim!”.

Era óbvio que minha agente e eu discordávamos de vez em quando.

— Certo, tudo bem. Falaremos sobre isso mais tarde — ela disse, resoluta. — Mas você tem certeza de que precisa ficar fora o fim de semana todo?

— Sim. O fim de semana todo — respondi de forma severa, pegando a mala da esteira de bagagens. — Talvez eu desligue o telefone. Só estou avisando para o caso de você tentar me ligar. Além disso, pode ser que não tenha sinal quando eu chegar à cidade, então é isso.

— Não! Juro que não vou ligar! — ela mentiu. Carol ligaria, mandaria mensagem e e-mail. Faria o que pudesse para entrar em contato comigo. — Isso é sério? Você vai para uma cidade fantasma, sem sinal de celular? Por favor, me diga que tem WiFi. Assim você, pelo menos, verifica minhas mensagens uma vez por dia.

— Talvez tenha um serviço não muito bom de internet na loja de pneus e



café do Timmy Todd.

Carol gemeu.

— Espere um pouco, volte a fita. Pneus e Café?

— Metade da loja é uma cafeteria, a outra metade vende...

— Deixe-me adivinhar. Pneus?

Sorri para o tom desgostoso de Carol.

— Acertou em cheio.

— Não sei o que uma cidadezinha na área rural, como Rust, Kansas, poderia ter para te oferecer, Jake. Você é um ator em ascensão!

— Puxa, obrigado. — Eu ri.

— Só estou dizendo que este fim de semana pode ser aquele que vai te tirar da lista dos atores secundários e te levar para a dos grandes. E seria uma vergonha se Jake Gyllenhaal ficasse com o papel em vez de você.

— Seria, mas, pelo menos, seu primeiro nome é bom.

— Sério. O que você vai fazer em Rust, Kansas? — Carol zombou, imitando um forte sotaque do Sul, que não era nem um pouco parecido com o do Kansas. — O que pode haver de tão importante que faça valer a pena perder a chance do estrelato?

Alcançando o bolso de trás da calça, peguei um convite que estava se desfazendo.

Ana Louise e Henry Scott

*SOLICITAM O PRAZER DA SUA PRESENÇA EM SEU
CASAMENTO*

10 de maio de 2017, às 17h — The Rustic Barn Rust, Kansas

Jantar em seguida — juntamente com o Bourbon caseiro da Pa

E bolo de chocolate com cerejas da Mima.

— Você não acreditaria em mim se eu te contasse. Tenho que ir, mas te ligo assim que aterrissar em L.A.

— Tudo bem, se você realmente precisa. Certifique-se de parar nesse tal café para checar seu e-mail e, talvez, não sei, me traga um pneu de lembrança. Eu ri.

— Vou ver o que posso fazer.

Depois de desligar, parei por um instante e olhei para o convite na minha



mão uma última vez.

Ana Louise e Henry Scott
SOLICITAM O PRAZER DA SUA PRESENÇA EM SEU
CASAMENTO

Houve um tempo em que achei que seria o meu nome ao lado do dela naquele convite. Foi na época em que imaginei que o nosso amor nos levaria para aquele destino, onde eu estaria de pé no altar, vendo-a caminhar na minha direção.

Mas, se a vida me ensinou alguma coisa, é que, às vezes, os planos do nosso destino mudam sem aviso. O término do meu relacionamento com Ana era algo que eu sempre lamentaria.

E amanhã eu a veria dizer “aceito” a um homem que não era eu.

* * *

— Se isso não fosse quase impossível, acharia que meu neto estava entrando em casa — minha avó disse sorrindo, se balançando na cadeira com uma xícara de café nas mãos. — Venha até aqui para que eu possa vê-lo. — Ela colocou a xícara na mesa de canto e se levantou.

Sorri e caminhei para lhe dar um grande abraço.

— Oi, Mima. — Dei um beijo na sua bochecha, e ela me puxou para um abraço apertado. Havia três pessoas que davam os melhores abraços do mundo: uma era Mima, a outra era...

— Se isso não fosse quase impossível, acharia que meu filho estava na varanda — minha mãe disse, saindo pela porta da frente com as mãos no quadril. Um avental coberto de farinha descansava contra seu corpo. — Venha até aqui para que eu possa vê-lo.

Sorri com as semelhanças entre as duas. Não só os olhos tinham o mesmo tom de chocolate, mas seus lábios se abriam no mesmo sorriso largo e as falas, muitas vezes, eram idênticas.

— Senti saudade das minhas duas mulheres favoritas. Embora o sentimento de traição tenha sido maior quando li no convite que a Mima vai fazer seu famoso bolo de chocolate para a festa.



Mima sorriu com malícia.

— Faço bolos de chocolate para todos os casamentos que acontecem nesta cidade desde 1996. Não vou mudar uma tradição. E de qualquer forma, se me lembro bem, foi você quem terminou as coisas com a doce Ana. — Ela caminhou em minha direção e beliscou minhas bochechas. — O que é muito ruim, pois eu realmente gostava da garota. É melhor eu entrar para verificar os bolos antes que a sua mãe os queime.

Ela entrou, e mamãe fez uma careta. Semicerrei os olhos.

— Você nunca contou a Mima o que aconteceu? — perguntei, pensando no término entre Ana e eu.

— Não. Não achei que isso cabia a mim. Além disso, já faz muito tempo. Vocês eram duas crianças. Agora parece que está tudo bem. Você tem sua vida maravilhosa, e ela, a dela.

Assenti.

— Sim, sim, sim. — Argh. O novo slogan já estava fazendo sua aparição.

Minha mãe arqueou uma sobrancelha.

— Você superou isso, certo, Jake?

— O quê? É claro. Como você disse, éramos crianças. Foi há muito tempo.

— Tem certeza? Porque, se não tiver superado, posso intervir... — ela começou, e eu ri. Minha mãe estava sempre metendo o nariz na vida dos outros.

— Sério, mãe. Eu superei.

— Bom. — Ela me deu outro abraço apertado. — Então isso significa que você vai me perdoar por te colocar como meu acompanhante no jantar de ensaio hoje à noite.

— O quê? — indaguei, atordoado. — Mãe, por que você faria isso?

— Você sabe como são as pessoas dessa cidade. Todos são convidados para o jantar de ensaio de cada casamento. É uma tradição. Além disso, eles estão entusiasmados com a grande estrela de Hollywood. Diz que sim? Diz que vai comigo?

Seus olhos estavam repletos de esperança, e, depois de todos os feriados que perdi e desculpas que dei para evitar voltar para casa ao longo dos anos, eu não poderia enfrentar a ideia de decepcionar minha mãe de novo.

— Sim, sim, sim. Eu vou.



— Ah, ótimo! Mal posso esperar! É melhor você tirar essa... roupa de Hollywood. — Ela franziu o cenho. — Parece um pouco... abafado.

Olhei para minha roupa.

— É um blazer e calça.

— Jeans e camiseta ficará ainda melhor. Agora, me desculpe, preciso fazer um glacê de chocolate só para que sua avó o refaça e me mande ficar fora da cozinha.

Ela se afastou, e eu me virei, olhando para a cidade que chamava de lar. As coisas eram mais lentas ali. Nada era apressado, ao contrário de Los Angeles.

Uma parte de mim estava feliz por estar em casa.

No entanto, uma parte maior estava aterrorizada.

O que eu diria a ela à noite? O que ela diria para mim?

E como meu coração reagiria?



CAPÍTULO 02

JAKE

— Quem é que convidou o traidor?

Bem, essa não era exatamente a recepção que eu esperava, mas entendia. Bobby, o melhor amigo de Henry, estava na frente do Hank's Diner, onde o jantar de ensaio estava sendo realizado, com o grupo de amigos que o acompanhava desde o colégio. Eles costumavam ser meus amigos também. Bobby quase não havia mudado desde então. As únicas coisas diferentes eram a cabeça raspada e algumas tatuagens a mais.

— Não posso acreditar que você está aqui — vociferou outra pessoa. — O babaca esnobe de Hollywood.

— Achei que você tinha dito que todo mundo estava animado para me ver — sussurrei num tom duro para a minha mãe, que estava ao meu lado, sorrindo e parecendo culpada.

— Eu disse isso? — perguntou, inclinando a cabeça em minha direção. — Acho que me enganei.

— Se enganou? — resmunguei num sussurro, puxando-a para um canto do restaurante. — O que você quer dizer com isso?

— Bem... — Ela fechou os olhos e franziu o nariz. — Acontece que todos na cidade te desprezam por você ter magoado a garota mais doce de todos os tempos. A maior parte das pessoas pensa que você se vendeu e virou as costas para suas raízes. Daqui a pouco você estará fazendo comerciais de carro. — Ela riu.

Sim, sim, sim.

— Mãe. Se todo mundo me odeia, então por que estou aqui? Por que você



me trouxe?

— Porque ela não está feliz.

Ah, meu Deus. Minha mãe estava metendo o nariz na vida dos outros. Algumas coisas nunca mudam.

— Tenho certeza de que ela está feliz. Mais cedo, você disse que ela estava!

— Não tanto como quando estava com você. Só disse isso para te fazer sentir melhor. Mas, quando perguntei sobre você ter superado e vi o canto da sua boca se contrair, soube que a resposta era não. Então isso é perfeito.

— Bem, éramos muito novos quando estávamos juntos, e não tínhamos responsabilidades ou contas a pagar.

— O que estou querendo dizer é que a forma como ela olhava para você em comparação com a que olha para ele... — Ela estremeceu. — De qualquer forma, jamais gostei desse Henry. Quando você e Ana estavam juntos, sempre o via olhando para ela com desejo. Detesto o fato de os dois terem acabado juntos. O charme dele é falso. Depois que você foi embora, ele a envolveu, como se fosse um cavaleiro de armadura brilhante.

— Ele não estava com a Amber quando eu fui embora? — Amber era o quarto elemento da nossa amizade. Nós quatro estávamos sempre juntos quando crianças, e, depois que comecei a namorar com a Ana, não demorou muito para que ela e Henry ficassem juntos também.

Ela assentiu.

— Ele terminou com ela logo depois que você se foi. Eles ainda trabalham juntos no correio, e, depois do término, a cidade toda começou a comentar sobre como aquilo devia ser difícil para Amber, mas acho que ela lidou bem com a situação. Ana e ela ainda são amigas. Na verdade, Amber é uma das damas de honra.

— Isso é estranho — falei.

— Sim. As pessoas de cidade pequena, muitas vezes, têm seu próprio conjunto de regras e costumes. — Minha mãe disse enquanto semicerrou os olhos e começou a morder as unhas. Um hábito que tinha sempre que estava prestes a dizer algo ridículo. — Sabe, aposto que a Ana ainda sente algo por você.

— Mãe, pare de bancar a casamenteira. Você não pode dar uma de cupido para duas pessoas quando uma delas estará se casando em vinte e quatro



horas.

— Posso, sim. Enquanto eles não disserem “sim” ainda há tempo. Você simplesmente não entende, Jake. Quando está com ele, Ana não se parece com ela mesma. Ela... — A angústia contorceu suas feições. — Bem, você vai ver, vamos lá. — Ela puxou meu braço, e eu me afastei, forçando-a a soltar minha mão.

— Não, mãe! Não vou ficar. Vou para a casa da Mima para ficar com ela enquanto termina os bolos. Depois vou arrumar minhas malas e voltar para Los Angeles.

— Tudo bem. Se você quer bancar o bebê, então vá! — Ela cutucou meu braço. — Mas só depois que pegar um coquetel de vodca com limão daqueles que a Mary Sue está servindo no bar.

Tentei discutir, mas ela me beliscou de leve, me avisando para não desrespeitar minha própria mãe. Então eu fui.

Quando estava na fila para pegar a bebida, ouvi as pessoas sussurrando a meu respeito como se eu não pudesse ouvi-las. Fiz o melhor que podia para manter a cabeça erguida em uma sala repleta de pessoas do meu passado.

Não via a hora de pegar o voo de volta para casa.

— Jacob Thompson, que surpresa — disse uma voz atrás de mim enquanto eu pegava três coquetéis, dois para mim e um para a minha mãe.

Eu me virei e vi Amber ali, de pé, olhando para mim com um sorriso enorme. Me aproximei para abraçá-la, mas me atrapalhei com os três copos que estava segurando. Derrubei os dois primeiros e, então, para compensar, bebi o da minha mãe. Ficar bêbado parecia ser a melhor solução para aquela noite. Quando fui jogar os copos na lata de lixo, um homem veio correndo.

— Cara! Deixa que eu jogue isso para você.

Sorri.

— Obrigado.

— Por nada, irmão. Cara! Não posso acreditar que já faz tanto tempo que nos vimos!

Semicerrei os olhos.

— Me desculpe... eu conheço você?

Ele riu alto. Desconfortavelmente alto.

— Seu piadista. Sou eu! Eric!

Eric?



Meu olhar inexpressivo era óbvio, então ele continuou.

— Eric Hales? Eu era calouro quando você era veterano? Costumávamos sair juntos o tempo todo, cara.

— Me desculpe, mas eu não...

Ele me cortou, mudando de assunto.

— Um astro de Hollywood, hein?! — Ele estava eufórico, seus olhos brilhavam. Me deu uns tapinhas com força nas costas e levantou o telefone.

— Snapchat! — Antes que eu tivesse chance de esboçar alguma reação, ele estava tirando fotos de nós. Então começou a gravar um vídeo. — Ora, ora, ora, aqui é o seu amigo, Eric Hales, de Rust, Kansas, com o meu melhor amigo, Jake Thompson! Diga olá, irmão!

Fiquei olhando sem expressão.

— Obrigado, irmão — ele disse, batendo nas minhas costas uma última vez antes de se afastar com meus três copos ainda na mão.

Amber recuou um pouco, rindo de toda a interação.

— O constrangimento de ser uma pessoa famosa em uma cidade pequena — ela brincou.

— Oi, estranha — falei, estendendo os braços para lhe dar um abraço.

Ela me abraçou forte e quando se afastou, ainda tinha um grande sorriso no rosto.

— É tão bom te ver — ela disse.

— Sério? Porque parece que todos na cidade discordam.

— Exceto Eric Hales. — Ela sorriu.

— Exceto Eric Hales — concordei.

— Você sabe que é provável que ele venda aqueles três copos na internet, né? E deve vender aquelas fotos também.

Semicerrei os olhos.

— Sério?

— Ele vem falando sobre isso há muito tempo. Estava esperando pelo dia em que você voltaria à cidade para que pudesse te encontrar e ganhar dinheiro com a TMZ.

— Ah, como amo o ser humano — brinquei, enfiando as mãos nos bolsos. — Então, Henry e Ana, hein?

Amber fez careta por uma fração de segundos antes de me dar um sorriso radiante.



— As coisas mudaram quando você foi embora.

— Nós éramos tão próximos. Você e Henry também. Sempre achei que vocês ficariam juntos para sempre.

Ela riu e assentiu, me cutucando no braço.

— Pensei o mesmo sobre você e a Ana. Então, do nada, você desapareceu e partiu o coração dela.

Dei um sorriso tenso.

— É engraçado como a vida muda, né?

— Sim. É uma caminhada e tanto, com certeza. Escute, tenho que pegar uns drinques para uns amigos, mas espero que consiga sair dessa cidade com vida este fim de semana, Jake. Essas pessoas estão prontas para te atacar de todos os lados.

Eu ri.

— Na verdade, provavelmente vou para casa amanhã. — Casa. Engraçado como o lugar onde eu estava costumava ser minha casa.

— Ah, é? Já?

— Sim. Não fazia ideia de que a maior parte da cidade me odiava.

Ela sorriu.

— Isso é porque a sua mãe é uma fofa e quer que o filho volte com a futura noiva. Mas, se você vai embora, te desejo tudo de bom. Quem sabe, talvez, eu te veja daqui uns cinco ou dez anos.

Nos despedimos, e, quando me afastei, olhando para a frente, meu peito se apertou.

— Jake.

Sua respiração superficial e os olhos castanhos se arregalaram, confusos.

— Ana — respondi, engolindo em seco. — Oi.

Ela estava usando um vestido branco com saia feita de tule e papel higiênico. Algo que as pessoas da cidade sempre faziam para as noivas na véspera do casamento. Seu cabelo preto estava enrolado e caía sobre os ombros; os lábios ainda estavam tão cheios e bonitos quanto eu me lembrava. Me perguntei se tinham o mesmo sabor também. De brilho labial de morango com uma pitada de eternidade. Eu não conseguia parar de olhar para aqueles lábios...

— Oi — ela sussurrou. — O que você está... — Suas palavras desapareceram, e ela inclinou a cabeça, olhando para mim da mesma forma



que olhei para ela. Quase sem acreditar que tínhamos, de alguma forma, entrado novamente no caminho um do outro.

Do nada, minha mãe caminhou em minha direção, cutucou a lateral do meu corpo e falou baixinho, só para que eu ouvisse.

— Te falei. Ela não olha para ele desse jeito. — Sem mais uma palavra, ela foi embora, nos deixando parados, olhando um para o outro.

Abrimos a boca para falar, e as palavras saíram ao mesmo tempo.

— Como você está? — perguntamos.

Rimos juntos também, nervosos e desajeitados, quase como um só.

Acenei com a mão em sua direção.

— Você está maravilhosa. Belo vestido de papel higiênico.

— Obrigada. É ótimo para o banheiro, pois não preciso pedir para a pessoa ao lado que guarde um pedaço para mim. — Ela sorriu e fez uma reverência. Meu coração quase explodiu, mas eu o segurei.

— Espero que você não derrame nada nele, nem se sente em algo marrom.

— Com certeza. Isso seria uma situação péssima.

— Uma verdadeira situação de merda.

Sorrimos juntos. Dessa vez, foi menos desajeitado e mais parecido com o nosso normal.

Nosso normal.

Eu me perguntava se isso ainda existia.

Ela caminhou até mim, envolveu os braços ao meu redor, e eu a abracei sem qualquer hesitação. Lá estava — a terceira pessoa que dava os melhores abraços do mundo.

— Parabéns, Ana.

— Obrigada, Jake. — Ela inspirou profundamente e exalou. — É realmente espantoso te ver. — Senti falta do seu toque assim que nos separamos. — Não sabia que você viria esta noite. É como se você tivesse entrado na cova de um leão.

— Sim, eu realmente não sabia que era o homem mais odiado da cidade.

Ela assentiu.

— Ainda mais odiado que o velho Paul.

Balancei as mãos em desespero.

— Mas ele atirou no Sr. Frank!

— Depois que dois jovens babacas vestiram o Sr. Frank de fantasma e



assustaram o velho Paul. Um desses malandros jurando que ele não reagiria mal.

Eu ri.

— Para ser justo, eu tinha 11 anos e não sabia que ele tinha uma arma.

— Sim, o Sr. Frank ainda sibila sempre que cruza o meu caminho — disse ela, falando sobre o gato da cidade.

— Ele ainda está vivo?!

— Com três patas e tudo. Ou ele é um fantasma, o que seria bem divertido.

— Então, você e Henry, hein?

Ela assentiu.

— Eu e o Henry. Realmente foi surpreendente. Depois que você foi embora, ele sempre esteve por perto se certificando de que eu estava bem. Só alguns anos depois é que o considere dessa forma. Amber e ele tiveram um relacionamento longo, e ela era uma amiga tão próxima, então não podia me envolver. Só depois que ela me incentivou é que pensei a respeito. Henry sempre achou que um dia terminaríamos juntos.

— E aqui estão vocês, prestes a se casar — falei, soando feliz, mas muito triste na verdade.

— Sim. Esse é o plano no fim das contas.

— O que o Henry está fazendo? Ouvi dizer que ele ainda está na agência dos correios. — A família de Henry era dona da agência postal da cidade, e ele trabalhava lá desde os 16 anos.

— Sim. É ele quem ainda separa todas as cartas que entram e saem da cidade. Seu pai planeja passar os negócios para ele em alguns anos, o que é muito legal.

— Impressionante. E minha mãe me disse que você está dando aulas.

Ela assentiu.

— Primeira série. As crianças são meus anjos e demônios de uma só vez. E quanto a você, Sr. Astro de Cinema? — Ela me deu um tapinha no braço. — Sei que não significa muito, mas essa garota da cidade pequena está orgulhosa de você.

Passei o polegar contra meu lábio inferior e ri.

— Se você soubesse o quanto essas palavras significam para mim.

Seus olhos encararam o chão, e, quando ela me olhou de volta, confusão se



refletia em seu olhar.

— Jake... O que você está fazendo aqui?

— Não sei. Minha mãe me disse que fui convidado e...

— Não. Quero dizer, o que você está fazendo em Rust?

Meu peito afundou, e me dei conta da situação. O convite foi feito por educação. Ela não esperava que eu fosse ao casamento.

— Eu... — hesitei, sentindo o suor escorrer pela minha nuca. — Quando confirmei presença...

— Você confirmou presença?

Arqueei uma sobrancelha.

— Sim, sim, sim. Sabe... com a carta anexada. — Fiz uma careta. — A carta foi um exagero? Ela te aborreceu...?

— Carta? — ela perguntou, surpresa. — Que carta?

— Querida, meu pai quer fazer o discurso — Henry falou, vindo em nossa direção, mas pausou no momento que me viu. Seus olhos se estreitaram, e ele se aproximou. — O que você está fazendo aqui?

Seu tom era frio, como os olhares de todos os outros que se voltaram para a minha direção naquela noite.

— Henry, por favor — Ana falou, com a voz repleta de irritação. — Não seja grosseiro.

— Grosseiro? — Ele riu em tom de desaprovação. — Não sou nem um pouco rude se comparado a esse cara. Quero dizer, sério, o que te fez pensar que você podia entrar aqui sem ser convidado?

— Honestamente, eu não sabia. Minha mãe disse que fui convidado, e eu não... — Fiz uma pausa e respirei fundo. Houve uma época em que Henry era um dos meus amigos mais próximos. Costumávamos fazer quase tudo juntos, e, ao longo do tempo, imaginei que era apenas o tempo e a distância que ficavam entre nós. A realidade da situação era que ele tinha se apaixonado pela garota que já foi minha. No entanto, eu não poderia culpá-lo. Ana era o sonho de todo homem. — Estou indo embora.

— Não, você não precisa... — Ana começou.

— Sim, provavelmente é uma boa ideia — Henry a interrompeu.

— Sim, sim, sim. Foi bom ver vocês. Parabéns novamente. — Abri um sorrisinho para os dois e os parabenizei mais uma vez pelo casamento. Quando me virei, ouvi a voz de Ana de novo.



— Você não precisa ser tão malvado.

— Ele te deixou quando você mais precisou dele, Ana. Essa escória não merece um minuto do seu tempo. Por mim, ele pode voltar para Hollywood.

Suas palavras me incomodaram mais do que eu jamais deixaria transparecer, mas continuei andando até sair de lá. Minha mãe precisaria do carro para voltar para casa, então comecei a andar pela estrada. Eu ficaria nessa cidadezinha, onde não era bem-vindo, pelos próximos três dias. Passar meu tempo andando por aí era a única maneira de manter a sanidade.



CAPÍTULO 03

ANA

Houve apenas alguns momentos na vida em que eu realmente questioneei minhas escolhas. Uma vez, quando achei que cortar o cabelo estilo joãozinho ficaria bem em mim — não ficou. Outra vez, resolvi comer só coisas saudáveis e parar de tomar sorvete por um ano, isso durou dezoito minutos. E o momento principal foi quando vi Jake sair da minha vida depois de me dizer que queria que eu fosse sua esposa.

Mas anos se passaram e não pensei muito sobre isso desde então. Éramos jovens e estávamos lidando com questões que a maioria das crianças não teve que enfrentar. Fiz uma escolha com base no que achei ser melhor para a vida dele e para nós. Ele seguiu em frente, eu também, e quase nunca olhava para trás.

Até aquele momento.

Naquela noite, depois do ensaio, fiz o contrário do que tinha planejado: voltei ao meu apartamento com Henry para conversar — o que foi uma péssima ideia. Não demorou muito para que eu ligasse para Quinn, minha dama de honra, e implorasse para que ela viesse me buscar, mas era tarde demais a fim de parar a briga entre Henry e eu, e que não tinha nenhuma razão real para existir.

O dia de amanhã estava destinado a ser o mais feliz da nossa vida, portanto, não havia motivo para aquela noite ser a pior.

— Por que você não me disse que ele escreveu uma carta? — perguntei, confusa por Henry me esconder coisas. Especialmente algo como isso.

— Você pode me culpar, Ana? Eu não queria que você perdesse a cabeça



por algumas palavras de alguém do seu passado.

— Nosso passado, Henry. Ele era seu amigo também.

— É mesmo? Porque nenhum amigo meu escolheria a carreira em vez de ficar com a namorada enquanto ela passava por quimioterapia.

Engoli em seco.

— O quê?

— Ouça, eu entendi, é algo de que você não gosta de falar, mas, Ana, esse cara te deixou depois de descobrir que você estava com câncer só porque conseguiu um papel na droga de um filme. Ele nunca mais voltou para te visitar ou para ver como você estava. Ele sequer se certificou de que você estava bem.

Minha cabeça girou. Onde Henry ouviu essa história? Como foi que o boato sobre o que Jake fez havia circulado por aí? E como eu nunca ouvi falar disso antes?

— Henry. Deixe-me ver a carta.

— Somos felizes, Ana? — ele perguntou, provocando uma reviravolta.

Caminhei pela sala.

— Que tipo de pergunta é essa? Claro que somos felizes.

Ele se aproximou de mim, suas mãos descansaram ao redor da minha cintura, e ele sussurrou em minha orelha, os lábios me tocando.

— Você me ama? — ele perguntou.

— Amo — respondi e apoiei a cabeça em seu ombro enquanto ele me puxava para mais perto do seu corpo.

— Eu sei — ele assentiu, a voz falhando um pouco. — Mas você está apaixonada por mim?

Me afastei do calor do seu corpo e estreitei os olhos.

— O você quer dizer com isso? — Meu peito se apertou quando meu coração começou a bater contra a caixa torácica. Uma onda de medo percorreu minhas veias. — O que isso significa? Por que você está sendo tão enigmático?

Ele me soltou e andou pelo nosso pequeno apartamento, batendo com a canela na mesa de canto.

— Meu Deus! Isso dói — ele gemeu, esfregando a perna. — Este lugar é muito pequeno.

Antes de ser muito pequeno, era peculiar e divertido.



Mas o tempo mudava essas coisas.

Me mudei para o apartamento dele há nove meses e descobri que não importava o quão amoroso e fofo fosse um casal quando começam a viver juntos, esse charme desaparece ao longo do tempo. As paredes pareciam se aproximar a cada dia mais, e, às vezes, eu jurava que não conseguia nem respirar. Mas não importava, porque eu amava Henry. O espaço pequeno era um problema, mas não um problema eterno. Estávamos determinados a encontrar uma casa nova depois do casamento...

Depois de amanhã.

Depois do eu aceito.

— O que isso significa? — perguntei novamente, minha voz falhando dessa vez. As lágrimas queimavam no fundo dos meus olhos, mas eu não ousaria deixá-las cair. Éramos felizes. Henry sabia que sim, e eu também. Ele estava nervoso, e isso acontecia com todo mundo.

...Certo?

Ele passou a mão pelo cabelo loiro bagunçado e gemeu.

— Não sei, Ana. Você parece tão chateada pela droga de uma carta que é como se ainda tivesse sentimentos pelo cara.

— Henry. Isso é ridículo.

— Veja bem, sei disso. Sei que é ridículo. Ele te deixou mesmo sabendo da possibilidade de você morrer. Como você poderia amá-lo? Mas a minha cabeça não para de pensar...

— Bem, não deixe que isso te aborreça. — Corri para ele e segurei suas mãos. — Você está cansado.

Ele assentiu.

— Estou.

— Acabamos de passar cinco horas em uma igreja, repassando detalhe por detalhe do nosso casamento com nossos amigos e familiares. Em cerca de dez horas, estaremos nos casando. Então talvez devêssemos dormir um pouco. Quinn estará aqui em pouco tempo, e você vai para a casa do Bobby e...

— Você guardou todas elas! — Henry exclamou, me fazendo parar meu discurso.

— O quê?

Ele falou suavemente.

— Você guardou as cartas dele dentro de uma caixa de sapatos naquela



caixa que ainda não desempacotou. Cartas de quando vocês dois ainda estavam namorando. Flores secas de bailes e festas da escola.

— Você mexeu na minha caixa?

— Não importa, Ana.

Importava.

— Por que você não me perguntou sobre as cartas? Por que você não...

— Eu te vi com elas no outro dia. Fui tomar um banho e esqueci a toalha na secadora. Quando fui buscar, vi você no quarto, sentada no chão, lendo as cartas.

— Henry...

— Você estava chorando.

— Não é isso. É só... — Suspirei, sem saber o que dizer. Talvez abrir aquela caixa fosse algum tipo de fechamento para mim. Talvez olhar para o meu passado e deixá-lo para trás fosse uma maneira de seguir para o meu futuro com Henry. Ele tinha me visto lendo as cartas; o que ele não viu foi que eu destruí todas depois que ele entrou no chuveiro.

Antes que eu pudesse tentar entender, a campainha tocou, e Bobby apareceu sem esperar um convite.

— Vamos fazer desta última noite de liberdade uma noite de bebedeira e escapada, meu... — Bobby parou de falar no momento que seus olhos encontraram os meus. Ele escondeu a garrafa de Jack Daniels nas costas. — Ah, oi, Ana. Não sabia que você ainda estaria aqui.

Ergui uma sobrancelha enquanto Henry foi pegar a mochila que arrumou para ficar na casa do Bobby.

— Sério? Se embebedando um dia antes do nosso casamento?

— O quê?! Nós?! Nunca. — Bobby me lançou um sorriso que era tudo menos inocente. Se qualquer outra pessoa tivesse falado aquilo, talvez eu acreditasse, mas vindo do Bobby festeiro, eu sabia o que aconteceria.

Os olhos de Henry ainda estavam pesados, e estava claro que a nossa conversa não tinha acabado, mas ele seguiu em direção à porta para ir embora.

— Bobby, o Henry pode te encontrar lá embaixo? Só precisamos de um minuto.

Bobby arqueou uma sobrancelha e deu um tapinha nas costas de Henry.

— Uma rapidinha antes do casamento? Entendi. É lamentável que você vá demorar só um minuto para fazer o trabalho, amigo. Posso lhe dar algumas



dicas e ensinar uns truques para ajudar a corrigir esse problema — ele brincou.

Henry empurrou Bobby de brincadeira e o mandou para o inferno, dizendo que o encontraria lá embaixo. Assim que Bobby saiu, toda a alegria desapareceu.

— Você está chateado... — Suspirei.

— Por que ele foi convidado? — Henry perguntou, cerrando os dentes. — Só não entendo como ou por que ele conseguiu um convite para o nosso casamento.

— Ele é um...

— Amigo da família? Por favor, não me diga que você está prestes a chamá-lo de amigo da família, Ana. Jesus! Não me diga que você é tão ingênua — ele gritou, me fazendo recuar. Ele gritou comigo. Não conseguia me lembrar da última vez que Henry gritou, especialmente comigo. — Ele não se importou com você, e agora, de repente, você acha que ele se importa?

— Não grite comigo, Henry — sussurrei, abalada.

Ele deu um passo para trás, vendo o medo em meus olhos. Sua voz diminuiu de tom, e ele esfregou a nuca.

— Sinto muito.

Não respondi, meus olhos focando em um ponto no chão.

Ele deu alguns passos na minha direção, colocou um dedo embaixo do meu queixo e levantou minha cabeça. Nossos olhos se encontraram, e ele colocou a testa contra a minha.

— Sinto muito, Ana. Só estou cansado. E nervoso. E estou morrendo de ciúme pela forma como esse idiota pode te fazer sorrir depois de ter sumido por tantos anos.

— Ele era o meu melhor amigo — falei, baixinho. — Era o seu melhor amigo, também.

— Era — afirmou. — No passado. Agora temos um ao outro, ok? E agora é hora de eu ir embora antes que faça você me odiar mais do que nunca. — Ele beijou minha testa, e, então, seus lábios se demoraram contra os meus. — Você ainda vai se casar comigo amanhã, certo?

Abri um sorrisinho para ele.

— Esse é o plano.

— Bom. — Ele me beijou uma última vez. — Porque esse é o meu plano



também. Eu amo...

— Você — terminei.

Quando ele saiu do apartamento, respirei fundo e liguei para a minha melhor amiga.

— Ei, Quinn? Sei que você ia me pegar em casa, mas não se preocupe. Vou te encontrar aí. Mas talvez eu me atrase um pouco.

— Se atrase? Ok. Por quê? Onde você vai?

Me arrastei pelo apartamento, peguei minhas chaves e fiquei na frente de um espelho, penteando os cabelos com os dedos.

— Dar adeus ao meu passado.





CAPÍTULO 04

ANA

— Por que todo mundo te odeia?

Minha pergunta foi simples e direta quando cheguei à casa da Mima. Jake estava sentado na cadeira dela, olhando para mim, confuso. Era quase meia-noite, e eu ainda estava usando meu vestido de tule e papel higiênico. Meus olhos demonstravam confusão, e meus braços estavam cruzados com firmeza contra o corpo.

Ele se levantou e riu.

— O quê? Todo mundo me odeia? — zombou. — Não notei.

Me aproximei, fazendo cara feia.

— Sério, Jake. Por que o Henry disse que você terminou comigo? Por que todo mundo acha que você me abandonou quando nós dois sabemos que não foi o que aconteceu?

Ele enfiou as mãos nos bolsos do jeans, e, dentro de segundos, estávamos de frente um para o outro, nos encarando. Minha respiração ficou ofegante. Seus olhos ainda eram tão gentis e amáveis quanto eu lembrava. Aquilo estava acontecendo com ele também? Será que seu coração começou a bater descompassado assim como o meu?

— Você já estava passando por muita coisa — ele me disse.

— Eu parti seu coração.

— Ele era seu para fazer o que quisesse.

— Jake... — comecei, mas ele balançou a cabeça.

— Ana. Você tinha 17 anos e passou por uma quimioterapia. Você já estava lidando com tantos problemas que eu não queria que a cidade pensasse



que foi você quem terminou comigo. Eles teriam te confundido com perguntas. Teria sido demais para você.

— Por que você não os corrigiu hoje? — perguntei.

— Porque amanhã é o dia mais feliz da sua vida. Além disso, o que aconteceu entre nós ficou no passado. Está tudo bem.

Pensei naquele dia. No dia em que eu disse a Jake que não o amava mais. No dia em que ele me deu um anel de noivado e eu o devolvi. O dia em que eu disse a ele para aceitar o trabalho em Hollywood em vez de ficar em Rust para cuidar de mim e da minha saúde frágil.

Eu nunca me esqueceria da dor que refletiu em seus olhos quando ele saiu do meu quarto naquela noite. Jamais deixaria de me lembrar de como parti seu coração em um milhão de pedaços antes que ele fosse embora para correr atrás dos seus sonhos.

E, ainda assim, ele me protegeu. Foi embora da cidade deixando que todos achassem que ele era o culpado na nossa história de amor. Ele partiu deixando que todos o odiassem por virar as costas para a namoradina da cidade, que passava por um tratamento contra o câncer.

— Eu não queria que você abrisse mão da sua vida por mim. Sua chance de sucesso. Jake, eu... — Minhas palavras desapareceram, e algumas lágrimas caíram dos meus olhos. Ele as secou com o polegar e se aproximou. A sensação do seu dedo contra minha pele me obrigou a fechar os olhos.

— Eu sei por que você me mandou embora, Ana.

— Mas, ainda assim, te devo um pedido de desculpas.

— Não. Você não precisa se desculpar comigo. Nunca tive que perdoá-la, porque nunca te culpei.

Mordisquei o lábio inferior.

— Mas você está feliz?

— Com a vida? — perguntou. Assenti. Ele sorriu mais. — Sim, sim, sim. Estou bem. As coisas estão bem. Você está feliz?

Eu não deveria ter hesitado, mas houve um instante de silêncio. De tristeza. De arrependimento.

Mas então Henry surgiu em meus pensamentos. Nossa vida, nossas risadas, nosso amor.

— Sim, estou.

— Bom — ele disse. — Se alguém merece uma vida feliz, é você.



O instante voltou. De silêncio. De tristeza. De arrependimento.

Jake surgiu em meus pensamentos. Nossa vida, nossas risadas, nosso amor.

— Por que você está chorando? — ele perguntou, seus dedos enxugando mais lágrimas dos meus olhos.

Me afastei e dei de ombros.

— Acho que estou lidando com o tal nervosismo pré-casamento.

Ri baixinho.

— Ele é um cara de sorte.

— Eu sou uma garota de sorte.

Jake sorriu. Seu sorriso me fez sorrir também.

— Mas, se ele te magoar...

Eu ri.

— A cidade inteira vai matá-lo.

— E eu estarei lá, esperando.

Ele sussurrou as palavras tão baixo que eu não tinha certeza se havia imaginado ou não. Meus olhos encaravam seus lábios enquanto minha cabeça inclinava para a esquerda, aturdida e confusa. Assustada, mas estranhamente esperançosa. Mas, principalmente, eu sentia culpa. Culpa pela esperança que suas palavras me trouxeram.

Não sabia mais o que dizer enquanto ficamos em silêncio. Não sabia nem mesmo por que tinha ido até a sua casa, usando um vestido feito de papel higiênico. Eu não sabia o motivo pelo qual meu coração não me deixava ir embora.

Eu me odiava. Me odiava porque uma grande parte de mim queria descansar a cabeça no peito de Jake e relembrar os sons dos seus batimentos cardíacos. Queria contar suas inspirações e ver suas expirações enquanto ele me abraçava.

Amanhã seria o dia mais feliz da minha vida.

Era o dia em que eu diria *aceito* para um homem que não era ele.

Amanhã começava o meu “felizes para sempre”.

Mas eu estava tendo dificuldades em abrir mão daquele momentinho de felicidade.

— Caminha comigo? — perguntei.

Ele abriu um sorrisinho para mim e deu de ombros.

— Sempre — respondeu.



Se o céu fosse um garoto, seria Jake Thompson.

Caminhamos pelos arredores, permanecendo distantes e sem falar muito no início. Suas mãos estavam nos bolsos, e as minhas, envolviam o meu corpo. Mas, ainda assim, senti seu calor.

Na quarta volta, começamos a relaxar mais, rindo das nossas lembranças, brincando a respeito da sua carreira e minha vida na cidade pequena.

— Joe realmente comeu cinquenta cachorros-quentes em trinta minutos?
— Jake perguntou, atordoado.

— Cinquenta e quatro, para ser exata. E juro que ficou desmaiado por uns cinco minutos depois. Quando voltou a si, ele perguntou se a mesa de sobremesa já havia sido posta e pronta para ser atacada.

Ri, pensando na feira da cidade.

— Já pensou em ir embora de Rust? — ele perguntou.

Dei de ombros e passei as mãos pelo cabelo.

— Sabe, acho que isso passa pela cabeça de todos. A vida em uma cidade pequena é confortável e segura. Mas, às vezes, penso em como seria deixar a vida aqui e partir. Explorar. Ver mais coisas.

— Posso te garantir que não é tudo isso que as pessoas pensam.

— O quê? — Sorri. — Quer dizer que Hollywood não é tão incrível quanto você faz parecer em suas entrevistas?

Ele me deu um olhar malicioso.

— Você assistiu a minhas entrevistas?

— Ah, quando estou zapeando pelos canais e você aparece, sim.

— Assistiu a algum dos meus filmes?

— Não — respondi, rapidamente. — E por “não”, quero dizer sim. Todos eles. — Mordisquei meu lábio inferior. — Seria estranho dizer que sou sua maior fã?

A covinha em sua bochecha esquerda se aprofundou.

— Ah, você vai me fazer corar, Ana.

— Então as coisas não são tão boas quanto parecem? A vida na cidade grande?

— É diferente, só isso.

— Como assim?

— Bem. — Ele enfiou a mão no bolso de trás e pegou o celular. — Você consegue sinal de celular em qualquer canto de Los Angeles.



Eu ri.

— Agora, se ficar perto da agência dos correios, na esquina da Riley Avenue, e se inclinar para a esquerda, consegue.

Ele riu e assentiu.

— Que progresso. Não sei, há muito o que se fazer em L.A. Vários lugares para conhecer e comidas para experimentar, pessoas novas para ser apresentado. Mas acho que o que falta é a constância. Nada dura para sempre. As coisas mudam muito rápido também. Às vezes, sinto falta da calmaria desta cidade. Os mesmos rostos amigáveis, o mesmo drama bobo. Os dois mundos têm seus prós e contras.

— Pelo menos você conseguiu ver os dois lados da moeda. Eu adoraria ver um pouco mais do mundo — confessei, enquanto caminhávamos até o parque na esquina da Harper Avenue com a Knight Road.

— Sim, sim, sim — ele respondeu.

Eu ri.

— Qual seu problema com isso?

— Isso o quê?

— Sim, sim, sim. Você não para de dizer isso!

Ele riu e esfregou a têmpora.

— Eu? Droga. Minha agente está convencida de que deve ser meu slogan ou algo assim, e acho que acabou pegando.

— Tipo o *tudo bem, tudo bem, tudo bem*? O que ela quer? Que você seja o próximo Matthew McConaughey?

Ele assentiu.

— Esse é o plano. Um plano horrível, mas um plano.

— Quando menos esperar, você estará fazendo propaganda de automóveis.

Ele fez uma careta e revirou os olhos.

— Por favor, nunca diga isso à minha agente... ela ficaria encantada.

Sorri, olhando para a plataforma do carrossel no parque.

Jake olhou para cima a fim de ver o que eu estava olhando, e um sorriso apareceu em seus lábios.

— Você se lembra?

Assenti.

— Foi o nosso primeiro encontro, meu décimo quinto aniversário. Você me trouxe aqui depois de me levar ao cinema e de me oferecer um bolo que



Mima fez para mim. Eu subi no carrossel, e você girou comigo nele o tempo todo. — Fui até lá e pulei na plataforma. Jake segurou os postes de metal, e o brinquedo começou a girar. Ele girou devagar, e eu fechei os olhos, sentindo a brisa da noite beijar a minha pele. — E você fez o brinquedo virar cada vez mais rápido, e meu coração acelerou. Me lembro de estar muito feliz. Implorei para você diminuir a velocidade, mas você não diminuiu — falei alto.

— Você fechou os olhos — ele disse, girando mais rápido.

— Sim. E então, quando achei que estava indo rápido demais, você parou de girar e...

— Subi na plataforma — ele terminou minha frase, saltando para o carrossel e ficando de pé na minha frente.

Ficamos girando, os olhos fechados, nossos corpos pressionados um contra o outro e as respirações pesadas. Seu coração estava acelerado como o meu? Ele estava nervoso também?

Seus olhos encararam meus lábios, os meus olharam para os dele, e, quando o carrossel começou a parar, meus batimentos cardíacos aceleraram.

— Jake — sussurrei, minha voz trêmula.

— E então eu te beijei — ele falou suavemente.

— Você me beijou — respondi. — E eu te beijei de volta.

— E você me beijou. — Nossas respirações estavam lentas e desiguais. Quando ele expirava, eu inspirava. Quando soltei meu ar, ele encontrou seu próximo fôlego.

— Jake?

— Sim?

— Não me beije.

— Não vou te beijar.

Meu coração ainda batia acelerado contra o peito. Ele colocou uma mecha de cabelo que se soltou atrás da minha orelha e se inclinou para mais perto, os lábios pairando sobre os meus.

— Não vou te beijar, Ana. Mas estou pensando nisso. Estou pensando muito em te beijar agora, então, diga algo que me faça mudar de ideia. Diga algo para fazer meus pensamentos mudarem.

Apoiei as mãos em seu peito e senti seu batimento cardíaco na ponta dos dedos. Entreabri os lábios e quis pedir que ele me beijasse, quis implorar que



seus lábios tocassem os meus, que sua língua explorasse cada centímetro da minha boca. Mas, se aprendi algo sobre a vida e o amor, foi que os contos de fadas não eram reais. Que a ilha da fantasia era um sonho, não um lugar de verdade.

— Vou me casar amanhã de manhã.

Ele fez uma careta e deu um passo para trás.

— Funcionou.

— Sinto muito.

— Não. — Ele balançou a cabeça e passou as mãos pelo cabelo. — A culpa é minha. Sou um idiota e sinto muito. Meu Deus. Nem sei o que estou fazendo. Tudo o que sei é que você está fora da minha vida há anos, Ana. Anos. E então eu volto aqui e tudo retorna, correndo. Me senti como aquele mesmo garoto de 17 anos com o coração partido de novo.

— Me desculpe... — falei, minha voz baixa.

— Não precisa se desculpar. Lembra? Não te culpo. Só senti saudades.

— Também senti. Mais do que imaginei que sentiria e mais do que achei ser possível. E o que mais me deixa confusa é que ainda que você esteja tão perto de mim agora, de alguma forma, sinto ainda mais sua falta.

Ele semicerrou os olhos e franziu a testa.

— Por que você não me respondeu então?

— O quê?

Ele passou a mão na barba e balançou a cabeça para a frente e para trás.

— Deixa pra lá. Não importa. É que eu nunca entendi.

— Entendeu o quê?

— Por que, depois que você melhorou, continuou me ignorando. Mas não importa. Eu superei.

Ele pulou do carrossel e começou a andar novamente. Pulei também e estendi a mão para segurar seu braço, fazendo-o parar.

— Espere, não, Jake. Do que você está falando?

— As cartas que eu te mandei. Escrevia para você o tempo todo e nunca recebi uma resposta.

Ergui uma sobrancelha, confusa.

— Você nunca me escreveu.

Ele assentiu.

— Escrevi, sim.



— Não, não escreveu. Jake, eu escrevi para sua casa nova diversas vezes. Sabia que se te ligasse, não conseguiria ouvir a sua voz, então escrevi cartas. Mandava uma por mês e só parei quando percebi que não teria resposta.

— Não... não tem como. Nunca recebi uma carta sua, Ana.

Meu estômago se apertou.

— E eu nunca recebi nada de você.

Ele se aproximou de mim. Ficou tão perto que eu podia sentir sua respiração suave contra a minha pele. Eu sabia que deveria ter dado um passo para trás, mas não consegui. Eu não me movi nem um centímetro para longe dele.

— Escrevi que te amava. Que te esperaria para sempre.

— Jake...

— Que você era o meu mundo. Que te esperaria para sempre.

— Por favor. Não faça isso...

Suas mãos pousaram nos meus ombros, e ele me puxou para perto, sussurrando em meu ouvido.

— Escrevi que você era tudo para mim. Que te esperaria para sempre.

As lágrimas começaram a cair dos meus olhos, e eu tremi enquanto ele me abraçava.

— Ana... o que as suas cartas diziam?

— Eu... — Minha voz falhou, e ele enxugou minhas lágrimas. — Que eu te amava. E que queria que você esperasse por mim.

— O que mais? — ele perguntou, a voz baixa e ansiosa.

— Que você era o meu mundo. Escrevi que você era tudo para mim. Pedi que esperasse por mim.

— E você achou que eu nunca respondi.

— E eu nunca soube que você não havia recebido minhas cartas. Só achei que você tinha seguido em frente, e foi o que fiz também. Mas como é possível que nós não tenhamos recebido as cartas? Como pode... — Parei de falar, enquanto minha cabeça parecia girar. Jake chegou à mesma conclusão e expressou as palavras que eu temia dizer.

— Foi o Henry.

Eu me encolhi e me afastei dele.

— Jake, não. Ele não faria isso.

— Faz sentido, Ana. Ele é o único elo para que nós dois não tivéssemos



recebido as cartas. É ele quem trabalha na agência dos correios e separa as cartas...

— Não. Ele não faria isso.

Jake começou a andar de um lado para o outro.

— Vamos lá, Ana, sejamos honestos. Ele é apaixonado por você desde o primeiro dia. Não consigo acreditar que não liguei os pontos antes.

— Não posso acreditar nisso.

— Você precisa acreditar, Ana. Ele impediu que minhas cartas chegassem até você, que as suas fossem enviadas para mim. E, no momento que viu que você estava com a guarda mais baixa, foi para cima. Aquele idiota... — Ele estava chateado e passava as mãos pelo cabelo, seu ritmo, acelerado.

— Já chega, Jake. Preciso ir. — Minha cabeça estava confusa. Eu não podia me permitir acreditar no que ele dizia sobre Henry, o homem com quem eu deveria casar de manhã.

— Você perguntou a ele sobre a carta, não é? A última que mandei? Ele a escondeu de você também?

Meu silêncio foi sua resposta. Meu estômago estava em nós, e eu me senti muito tonta. Me encostei na cerca que rodeava o parque e fechei os olhos, tentando recuperar o fôlego, tentando desacelerar meus pensamentos.

— O que você está pensando? — Jake perguntou.

Balancei a cabeça de um lado para o outro.

— Não sei o que pensar. — Abri os olhos, ainda abalada. — Não sei o que pensar ou o que sentir. Mas o que sei é que vou me casar amanhã.

— Ana...

— Nós éramos jovens, Jake. Jovens e apaixonados. Mas não somos mais aqueles garotos. Você seguiu em frente, eu também. Agora levamos nossas vidas separadas.

Ele correu para perto de mim, colocando as mãos contra a cerca, me prendendo.

— O que você sentiu quando me viu hoje?

— Por favor, não faça isso.

Seus lábios pairavam sobre os meus, sem tocar, mas senti seu beijo, senti seus lábios encostando nos meus. Senti suas mãos envolvendo a parte inferior das minhas costas, e ele me erguendo em seus braços quando me inclinei contra ele, sua boca saboreando cada centímetro meu. Sua língua viajando por



cada centímetro do meu corpo. Seu corpo me lembrando o que significava ser jovem e apaixonada de novo.

Na realidade, não tínhamos nos beijado, mas em meus pensamentos eu sentia tudo.

— No momento que te vi, me lembrei de tudo. Senti tudo. Desejei tudo, Ana... você deveria ser o meu para sempre, e eu deveria ser o seu.

Queria dizer a ele o quanto eu concordava. Que meu coração se incendiou no momento que vi seus olhos encarando os meus.

Mas, em vez disso, pedi que ele se afastasse e me desculpei por pedir a ele que caminhasse comigo naquela noite.

— Ana, se você for embora agora, não vou impedir. Vou deixar você viver sua vida com o Henry, porque é o que você quer, mas vou embora. Se você continuar caminhando, vou embora, porque não posso mais fazer isso. Não posso esperar por algo que nunca vai acontecer.

— Isso não é justo, Jake. Depois de todos esses anos você volta, mexe com a minha cabeça, e eu não tenho tempo para processar nada disso.

— Você está prestes a se casar com outro homem. O tempo não está realmente do nosso lado.

— Fiz uma promessa a Henry.

— Porra, Ana! — ele gritou, zangado, com toda razão. Ele caminhou em minha direção e segurou minhas mãos. — Entendi. Você não quer machucar as pessoas, nem quer que os outros se decepcionem. Mas isso faz parte da vida. Chega um momento em que você precisa fazer escolhas, Ana. Escolhas egoístas, que beneficiem a você mesma. No passado, você terminou comigo porque não queria que eu perdesse uma oportunidade, e agora, está escolhendo ficar com o Henry porque deu sua palavra a ele. Você precisa parar e pensar em você. O que te motiva? O que você quer?!

Você.

Era só o que eu queria dizer. Era tudo o que sempre quis dizer, mas, em vez disso, pedi que ele me deixasse ir.

— Vou embora, Ana. Estou indo amanhã de manhã, e não vou voltar. É isso. Depois desse momento, estou oficialmente desistindo.

Enquanto eu caminhava, imaginei como seria se eu ficasse ao seu lado naquela noite, mas sabia que não podia. Prometi minha mão em casamento ao Henry.



Mesmo que isso significasse magoar a mim mesma, desistir do único homem que fazia meu coração bater era o melhor.



CAPÍTULO 05

ANA

Era o dia do meu casamento.

Em trinta minutos, eu deveria entrar na igreja para dizer sim; Henry deveria deslizar uma aliança em meu dedo e prometer me fazer feliz para sempre. Naquele breve espaço de tempo, eu estaria casada.

Mas não era a respeito disso que a cidade estava falando no momento.

— O que foi isso?! — Quinn perguntou, correndo para o quarto onde eu estava, pronta com o vestido de noiva. Ela balançou o telefone no ar e agitou o punho. — Você me disse que precisava dar uma volta, ontem à noite. Mas não disse que precisava dar uma volta com ele.

Peguei o telefone da mão dela e ofeguei quando vi a foto de Jake, de pé na minha frente, no carrossel. Estávamos perto um do outro. Muito perto. Quase como se estivéssemos prestes a nos beijar.

— Onde você conseguiu isso? — perguntei, em pânico.

— De Staci, Trevor, Jason, Maria, Tommy, Jeff e Randy. Junto com o resto da cidade. Ana... — Ela fez uma careta. — Sou sua melhor amiga, o que significa que não vou fazer julgamentos, mas seus lábios tocaram os do Jake na noite passada?

— O quê?! Não! Vamos, Quinn, você me conhece.

— Sim, argh, você está certa. — Ela estreitou os olhos. — Seus lábios tocaram o pênis dele?

— Quinn!

— Só estou perguntando! Essa é uma pergunta totalmente válida. Sei o quanto esse rapaz mexeu com seu coração naquela época. Ele é como o uísque



pelo qual você está morrendo de vontade.

— Estávamos conversando, só isso.

— É? Porque eu nunca converso com ninguém tão de perto assim, a menos que eu esteja beijando seus lábios ou planejando beijar seu pênis mais tarde.

Ah, meu Deus. Às vezes a minha amiga era tão vulgar.

— Bem, nenhuma dessas coisas aconteceu na noite passada.

— Esse não é o rumor que corre pela cidade.

— A cidade está cheia de porcaria. Por que alguém tiraria fotos nossas?! Isso é tão assustador.

— Eric Hales tirou. Ele disse que iria oferecê-las ao TMZ para ver o quanto poderia ganhar com o astro de Hollywood.

Gemi.

— E talvez pudesse arruinar um casamento também? Tenho certeza de que isso fazia parte dos planos de Eric.

— Por falar em arruinar casamentos... Henry viu as fotos.

— O quê?! — Coloquei as mãos no peito. — Ele está com raiva? É por isso que ele não responde minhas mensagens?

Ela encolheu os ombros.

— Ouvi dizer que ele ficou muito bêbado ontem à noite. Ele estava chateado, mas agora está se arrumando.

Eu só podia imaginar o que se passou em sua cabeça ao ver aquelas fotos. Se fosse o contrário, eu estaria mais que furiosa.

— Tenho que falar com ele.

— Hein? De jeito nenhum. Dá azar os noivos se verem no dia do funeral.

— O quê? — Ergui uma sobrancelha. — Você disse funeral?

Os olhos de Quinn se arregalaram, e ela me deu um sorriso tenso.

— Funeral?! Não. Casamento. Eu disse casamento.

— Não. Com certeza você falou funeral. E agora estou suando em lugares onde não deveria, e estou entrando em pânico por coisas que não deveria e... ah, meu Deus, a cidade toda pensa que toquei no pênis do Jake! Todo mundo acha que uma vagabunda vai se casar hoje!

— Meu Deus, respire, Ana. Você está pirando.

— Claro que estou. Sou uma vagabunda!

Quinn riu.



— Pare de rir, não é engraçado.

— Tudo bem, mas é meio engraçado, sua vadiazinha.

Sorri para minha melhor amiga e a empurrei.

— Cale a boca. Vou procurar o Henry.

— Tudo bem. Mas, se isso não der certo, não fique surpresa quando eu disser: eu te avisei.

Fui até a porta e parei antes de abri-la.

— Você acha que estou cometendo um erro?

— Sim, acho que o seu cabelo deveria estar preso no alto, assim está meio estranho.

— Quinn, cale a boca. Estou perguntando se estou cometendo um erro em me casar hoje.

— Depende. Você o ama, ou ama a ideia de amá-lo?

Franzi o cenho.

— Eu não sabia que existia um tipo diferente de amor até ontem à noite, quando ele me perguntou. E com a volta de Jake à cidade, minha cabeça ficou confusa, e agora... não sei. O que você acha?

Quinn fez uma careta.

— Acho que amo meu cachorro, mas não vou me casar com ele, entende? Quer a minha opinião honesta? — Assenti. — Acho que você está mais feliz nessa foto do que já te vi em anos.

— O que está acontecendo? — Amber perguntou, entrando no quarto com seu vestido de dama de honra em tom de pêssego. Ela viu a seriedade em nossos rostos. — Há uma comoção louca sobre algumas fotos na internet, e eu só queria ter certeza de que está tudo bem.

— Está tudo bem — menti. Abri um sorriso tenso para Amber. — Ei, Quinn, se importa se eu falar sozinha com ela por um instante?

Quinn concordou com cautela e saiu do quarto. Amber me lançou um sorriso nervoso.

— O que está acontecendo? — ela perguntou.

Me sentei em uma cadeira, da melhor forma possível, usando o vestido de noiva, e uni minhas mãos.

— Preciso que você seja honesta comigo.

Ela remexeu os pés e desviou o olhar.

— Tem certeza de que deveríamos estar conversando neste momento? —



Ela riu, nervosa. — Você vai se casar em cinco minutos.

— Eu sei, mas preciso saber de uma coisa antes de entrar na igreja.
Amber... você sabia das cartas?

Ela deu um passo para trás e soltou um suspiro.

— Hã?

— As cartas. Sei que você trabalha nos correios com o Henry, então pensei em te perguntar. Há alguns anos, Jake e eu enviamos cartas um ao outro. Sei que parece inútil e fora de propósito te questionar algo assim, mas eu realmente preciso saber.

Amber soltou um suspiro de alívio, como se tivesse pensado nas piores coisas possíveis.

— Você está me perguntando sobre cartas? Meu Deus, Ana! Você me deixou apavorada.

— O que você achou que eu ia perguntar?

Ela balançou a cabeça.

— Não sei, isso não. Mas... — Seu tom de voz diminuiu, e ela colocou as mãos na cintura. — Eu sabia.

— Sobre o Henry ter se livrado das cartas? — Ela assentiu. Eu me encolhi.
— Por que não me contou? Por que não o impediu?

— Ele me contou o que Jake fez com você, como ele te abandonou. A cidade inteira sabia como ele te chutou em troca da droga de Hollywood...

— Mas ele não fez isso. — Eu a cortei.

— O quê?

— Jake não me chutou. Ele não optou pela carreira em vez de ficar comigo. Eu terminei com ele.

Amber colocou as mãos sobre o peito e se sentou ao meu lado. Seus olhos se encheram de lágrimas, e ela os estreitou.

— O que você quer dizer?

— Ele me pediu em casamento — falei, calmamente. — Ele ia jogar fora a chance de fazer o filme porque queria ficar e se certificar de que eu estava bem de saúde. Ele queria desistir de tudo por minha causa, e eu não podia deixá-lo fazer isso. Falei que não queria ficar com ele e que, se ele ficasse na cidade, não namoraríamos mais. Eu o afastei quando tudo que ele queria era ficar ao meu lado.

— Ana...



— Eu sei. E ele mentiu, dizendo a todos que a separação foi culpa dele. É por isso que a cidade o odeia. Ele assumiu a culpa pelo rompimento porque achou que eu já estava passando por muita coisa.

— Então, aquelas centenas de cartas foram uma tentativa de te reconquistar?

— Centenas? — perguntei, entristecida pelo fato.

— Havia tantas. Você enviou muitas, mas Jake... nunca pararam de chegar, até o dia em que você postou os convites de casamento. Eu disse ao Henry que você deveria, pelo menos, ver as cartas, mas ele disse que elas te magoariam.

— Preciso falar com ele — decidi, de modo severo, me levantando.

— Espere, não. Não é uma boa ideia. Você provavelmente está confusa. Não é grande coisa. Vocês dois lidaram com tudo e agora podem se casar — Amber se apressou em dizer, levantando-se da cadeira. — Ele te perdoa pelas fotos de ontem à noite, e você vai perdôá-lo pelas cartas.

— Não é a mesma coisa, Amber. Centenas de cartas. É como se Henry apagasse uma parte da minha vida, e não é certo que eu me case com ele sem algumas respostas. Preciso que ele me olhe nos olhos e me diga que está, pelo menos, arrependido ou algo assim.

Fui até a porta, e, quando estava prestes a abri-la, Amber segurou meu pulso com firmeza, franzindo a testa. Seus olhos se encheram de lágrimas, e ela foi tomada pelo pânico.

— Não faça isso, Ana.

Arqueei uma sobrancelha.

— Você não está me dizendo algo.

Ela soltou a mão que me segurava e balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Não é nada. Só estou preocupada com o casamento e tudo mais. Sinto muito. Você deveria ir falar com ele.

— Ok...

— E, Ana? — Ela chamou, antes de eu sair do quarto.

— Sim?

— Eu sinto muito.

— Pelo quê?

Ela encolheu os ombros.



— Por tudo o que está prestes a acontecer.

Respirei fundo e saí do quarto para procurar Henry. De jeito nenhum podia me casar com a culpa me corroendo. Eu não tinha ideia do que ele pensou sobre a foto que viu, e eu precisava de respostas sobre as cartas desaparecidas.

Quando encontrei Henry, ele estava tirando fotos sozinho com Jenna, a fotógrafa, nos fundos da igreja. Ele estava tão bonito no terno preto com a gravata amarela e sorria como se estivesse feliz. Como se estivesse pronto para me fazer sua noiva.

O que eu estava fazendo?

Dei um passo para trás a fim de me afastar quando ele olhou na minha direção.

— Ana — disse ele, virando a cabeça. — O que está fazendo aqui? Dá azar nos vemos antes da cerimônia.

Engoli em seco, e Jenna deu um sorriso tenso.

— Pode nos dar um minuto, Jenna.

— Ah, não — Henry gemeu. — Isso não pode ser bom.

Jenna se desculpou, e eu fui até Henry. Ele segurou minhas mãos e se inclinou para beijar minha bochecha.

— Você está linda — ele me disse.

— Obrigada. — Remexi os pés no sapato de cristal. — Precisamos conversar.

— Sobre a foto? Está tudo bem. Fiquei um pouco chateado, mas já superei.

— Não. Conversei com Amber e...

— Não — ele me cortou, soltando minhas mãos. Ele começou a andar e mordiscou o lábio inferior. — Ela te contou?

— Sim... então é verdade?

Ele apertou a ponte do nariz e virou de costas para mim.

— Jesus, me desculpe, Ana. Queria te contar, mas aconteceu uma vez só. Depois que vi as fotos de você e Jake ontem à noite, fiquei bêbado e cometi um erro, ok?

E me endireitei, tomada pela confusão. Meus lábios se abriram, mas nenhum som saiu.

Ele se virou para mim, olhando para minha boca aberta, e continuou



falando.

— Nem sei por que eu liguei para ela. Eu estava bêbado, foi um erro, e, se eu pudesse, desfaria tudo. Antes de você, Amber era uma grande parte da minha vida, e te ver voltar para o seu ex me fez lembrar da minha. Avisei a ela que era a última vez, ok? Não significou nada.

E com isso, tudo se encaixou.

Ele tinha dormido com Amber.

Na véspera do nosso casamento.

— Ana? Diga alguma coisa. Você não está respirando — ele falou, se aproximando de mim, mas eu me afastei.

— Respirar parece um pouco inútil agora.

— Foi um erro. Depois que vi você e Jake...

— Não fizemos nada! — gritei, minha voz falhando quando dei alguns passos para trás novamente. Limpei a garganta e coloquei a mão sobre a boca, as lágrimas se formando em meus olhos. Sussurrei. — Não fizemos nada.

— Fizeram, sim... vi o quanto vocês estavam perto um do outro.

— O que você quis dizer antes? — perguntei, ignorando suas palavras, porque eu sabia o que eu tinha feito, estava com a consciência limpa de que eu não tinha traído o homem que estava diante de mim. — Quando disse que avisou a ela que era a última vez? Vocês dormiram juntos mais de uma vez?

— Ana — ele começou a se aproximar, e eu ergui a mão.

— Não — falei. — Não responda. Não quero saber.

— Você veio aqui para falar sobre isso — ele ofereceu. — Então, vamos falar e acabar logo com isso.

— As cartas...

— O quê?

— Vim falar sobre as cartas. Aquelas que o Jake enviou e você escondeu de mim, e as que mandei e você escondeu dele. Amber me contou sobre as cartas, só isso, Henry. Eu não sabia de nada sobre isso.

— Não sabia? — Ele bateu as mãos contra a nuca e deu um passo para trás. — Ela não te contou?

— Não. Você se entregou sozinho.

— Podemos conversar mais sobre isso — ele disse, olhando para o relógio de pulso. — Depois da cerimônia.

— Não vai haver cerimônia, Henry. Esta coisa entre nós, esta mentira que



temos vivido, acabou.

— Ana, eu cometi um erro, ok? Com as cartas, com Amber, com as mentiras... mas posso consertar isso. Posso resolver as coisas entre nós. Por favor — ele implorou.

Olhei para ele por um instante, me perguntando o que me atraiu nele em primeiro lugar. Ele queria resolver as coisas entre nós, queria que eu entrasse na igreja e que me compromettesse com ele, mas eu não sabia como fazer isso sem sentir que estava entregando o meu coração a alguém que prometia machucá-lo.

A verdade era que Henry e eu fazíamos parte de um quebra-cabeça com muitas peças perdidas — jamais seríamos completos nem encontraríamos a felicidade que nos alimentaria todas as noites.

— O que posso fazer para consertar isso? — ele perguntou.

— Nada, Henry — falei baixinho, derrotada. — Acabou.

Ele baixou a cabeça e esfregou a nuca quando começou a se dar conta dos acontecimentos.

— Acho que a superstição é verdadeira. Dá azar ver a noiva antes da cerimônia. Provavelmente porque os noivos sejam muito bons em estragar as coisas nos momentos finais. — Ele riu.

Fiz uma careta.

— Isso não é engraçado, Henry.

Ele enfiou as mãos no bolso e assentiu.

— Sim, eu sei. Acabamos de cancelar o casamento, o que não é nada engraçado. Mas, sejamos honestos — ele disse, puxando um chaveiro do bolso. Ele tirou uma chave e se aproximou de mim. — Nunca seríamos realmente um do outro. — Seus dedos seguraram os meus enquanto ele colocava a chave na minha mão.

— O que é isso?

— A chave da sala de cartas. No depósito, você encontrará uma caixa com todas as cartas que Jake lhe enviou e todas as que você enviou para ele.

— Por que você as guardou? — perguntei.

Ele encolheu os ombros.

— Passei anos sentindo inveja do Jake por te ter. E, então, quando nós dois ficamos juntos, parecia diferente. Eu sabia que você nunca me amaria do jeito que o amava, e acho que uma parte de mim sabia que um dia você



procuraria as cartas, e eu teria que enfrentar isso. Só espero que elas te tragam o que você está procurando. Espero que o Jake não estrague tudo de novo ou te magoe... como eu.

Eu não sabia o que dizer, parada ali, com um vestido branco, incapaz de compreender tudo o que tinha acontecido nas últimas vinte e quatro horas. Além disso, Jake já tinha ido embora. Na noite passada, ele disse que estava desistindo. Eu fui embora e o deixei sozinho.

— Devo contar a todos? — Henry perguntou.

— Não. Vou cuidar disso, resolverei tudo. Por favor, vá embora.

— Ana...

— Por favor, Henry. Só vá embora.

Ele fez o que pedi. Ele se virou e se afastou sem olhar para trás uma vez. Em seguida, o choque deu lugar a uma onda de tristeza.



CAPÍTULO 06

ANA

— Ana, você está respirando? — Quinn perguntou, entrando correndo no quarto, sem fôlego. Eu estava sentada no chão, olhando distraída para o anel de noivado em uma mão e a chave que Henry me deu na outra.

— Ah, não — Quinn franziu o cenho. Ela correu até meu lado e se sentou. — Fale comigo, o que está acontecendo?

Meus olhos se voltaram para a porta e depois para a minha roupa. Não era uma roupa qualquer, mas, sim, meu vestido branco de noiva e sapatos de cristal. Sempre achei que usaria sapatos de cristal tipo os da Cinderela no dia do meu casamento. E esse dia finalmente chegou. E foi embora.

— O casamento foi cancelado? — ela perguntou, gentilmente. Estava preocupada.

Assenti.

— Foi, sim. — As lágrimas caíram por minhas bochechas, e ela rapidamente as secou.

— Certo, me diga o que fazer, porque tem cerca de duzentas pessoas sentadas no salão da igreja, esperando a noiva aparecer. Ana, sou sua melhor amiga e dama de honra, e farei qualquer coisa que me peça. Mas vou precisar que você realmente me diga o que fazer.

Fechei os olhos e respirei fundo.

— Diga que o casamento foi cancelado. Faça com que todos voltem para casa. Inclusive meus pais. Não suporto a ideia de olhar para minha mãe agora com sua expressão de desapontamento.

Quinn assentiu.



— Eu cuido disso. Depois voltarei para te buscar.
— Não, eu vou ficar bem.
— O quê? Não vou te deixar sozinha.
— Você disse que faria qualquer coisa que eu pedisse, Quinn. Preciso ficar sozinha por um tempo.

Hesitando, ela assentiu e saiu do quarto. Me levantei e passei a mão no vestido de noiva antes de ir para a frente do espelho. Meu cabelo castanho estava penteado para trás, preso em um coque perfeito. Meus lábios estavam pintados de vermelho, e os cílios, manchados de preto. A aliança de casamento da minha avó foi colocada no meu vestido como algo emprestado. Minha mamãe me deu um bracelete de diamante como algo novo, minhas unhas brilhavam em azul, e eu segurava a chave que me levaria às cartas de Jake.

A coisa antiga.

Ouvi uma batida na porta, me tirando dos meus pensamentos.

— Tudo limpo — Quinn gritou, me deixando saber que todo mundo tinha ido embora do salão onde seria realizada a cerimônia.

Respirei fundo e esperei alguns minutos antes de dizer:

— Você também pode ir, Quinn.

Por cerca de mais dois minutos, houve silêncio. Então, ela disse:

— Ok, eu vou. Não porque eu quero, mas porque você é a minha melhor amiga e eu respeito suas escolhas. Mas, se eu não souber de você em uma hora, vou enviar uma equipe da SWAT.

Eu ri.

— Também te amo.

Quando encontrei coragem de me levantar, caminhei até a porta e olhei para o corredor. Ninguém à vista. Então, me dirigi para a capela e abri a porta para ver as flores e a decoração que tinha sido feita na noite anterior. Vi as pétalas de rosa que a sobrinha de Henry deveria jogar quando eu entrasse na igreja, vi a almofada que o sobrinho dele deveria segurar. O silêncio era estranho, e meu coração acelerou quando notei um homem sentado na fila da frente.

Ao som dos meus passos, ele se levantou, se virando para me ver.

— Jake — sussurrei, as lágrimas caindo enquanto meus olhos o encaravam. Ele ficou parado no fim do corredor, olhando para mim enquanto eu fiquei



congelada na outra extremidade. — Achei que você tinha ido embora.

Ele não disse uma palavra. Suas mãos estavam nos bolsos da calça cinza, e ele deu um passo em minha direção.

Levantei a mão.

— Não, por favor. Não faça isso. Não fique tão triste e magoado por mim. Porque, se você está triste, é um lembrete de que estou triste, e eu realmente não posso me sentir assim agora. Então, por favor, não se aproxime.

Ele deu mais um passo.

— Ana...

— Jake, não, por favor... — implorei, minha voz falhando enquanto eu fechava os olhos, me dando conta de que, nos últimos anos, tudo o que fiz foi cometer erro atrás de erro. Era culpa minha o modo como tudo aconteceu. Era incrível como as pessoas tentavam fazer o que realmente acreditavam ser o melhor para todos, e acabavam estragando tudo.

Ser humano significava ser falho.

E eu era a definição de falhas.

Mas ele continuou andando. Ouvi seus passos se aproximando, e meu corpo começou a tremer quando abri os olhos.

— Ele me contou tudo. Sobre as cartas. E me contou algo mais. Sem querer, é claro. — Minha voz tremia. — Que ele me traiu com a Amber por só Deus sabe quanto tempo.

Ele parou na minha frente, e as lágrimas rapidamente começaram a cair dos meus olhos.

— E eu sou tão idiota porque você esteve aqui o tempo todo, esperando por mim, e eu continuei te afastando.

— Não importa.

Assenti.

— Importa, sim. Você merece mais. Não mereço o seu consolo, Jake. Nem o seu perdão. — Minhas lágrimas se transformaram em soluços, e eu cobri o rosto com as mãos, arruinando a maquiagem. — Não mereço você.

— Você é tudo que eu sempre quis, Ana. E, se isso significa que eu precisava esperar todos esses anos para te ter de volta, eu esperaria tudo de novo. Você foi meu começo e é o meu fim. Não há nada para perdoar. Você não sabia sobre minhas cartas, da mesma forma que eu não sabia sobre as suas.



— Como você pode ser tão... altruísta?

— Porque quando se ama alguém, a gente espera o tempo que for para que as coisas se alinhem. Para que tudo entre nos eixos. E então — ele se aproximou e passou os braços ao meu redor, me puxando para seu peito, onde comecei a desmoronar. —, você espera para se arriscar e promete a si mesmo que nunca vai deixar o amor escapar de novo.

Ele me abraçou por alguns minutos e me permitiu desmoronar. Me abraçou o tempo todo, me lembrando de que, quando eu estivesse me sentindo fraca, ele seria minha força. Isso era tudo o que ele sempre tentou ser para mim — minha força, meu amor.

— Podemos dar uma volta? — perguntei.

Ele assentiu.

— Sempre.

Acabamos voltando ao lugar onde demos o nosso primeiro beijo depois de uma parada rápida na agência dos correios. Nos sentamos no carrossel, em silêncio, com dezenas de cartas ao nosso redor. Havia muitos envelopes com formatos diferentes e os mais diversos tipos de selo. Embora houvesse algumas diferenças entre as cartas, uma coisa era sempre igual: o amor que havia em cada uma. De cartas com letras cursivas a impressas, havia muitas palavras que mostravam o quanto queríamos um ao outro.



CAPÍTULO 07

Ana,

Quero que você saiba que eu sinto muito. Sinto muito pela forma como explodi. Pelo jeito como te disse que jamais olharia para trás. Sinto muito pela maneira com que permiti que você me afastasse. Acabei de aterrissar em Los Angeles, e minha cabeça ainda está girando. Estou sentindo tudo ao mesmo tempo e não sei como lidar com isso. Sinto sua falta. Sinto saudades de tudo que se refere a você. Seu sorriso, sua risada, seu toque. Mas também estou chateado por você ter me feito ir embora. Estou aborrecido com tudo o que se refere a você. Seu sorriso, sua risada, seu toque. Mas, principalmente, estou com medo. Sinto medo de não conseguir tê-la de volta em breve, de que, quando você terminou comigo, tenha sido para sempre. Temo por sua saúde. Estou preocupado por não estar ao seu lado para segurar sua mão nos dias difíceis. Tenho medo de que eu não possa ser forte para você. Que você também se permita se esquecer de mim. Você vai se esquecer do meu sorriso, minha risada, meu toque, e isso me aterroriza. Mas imploro para que você ainda não desista de mim.

Quando você estiver melhor e recuperada, quero que me encontre.

Eu te amo e estarei te esperando.

Jake

* * *

Jake,

Tive um pesadelo na noite passada em que você ia embora, e, quando acordei, percebi que meu maior medo tinha se tornado realidade. Chorei até dormir e acordei



da mesma forma. Meus pais estão preocupados comigo, mas continuo dizendo a eles que estou bem.

Sinto, lá no fundo, que fiz a escolha certa, mas uma grande parte de mim se pergunta o que teria acontecido se eu tivesse dito sim. Me pergunto quanto tempo demoraria para que eu me tornasse sua esposa. Se a minha vida terminasse amanhã, ainda assim sentiria como se a tivesse vivido ao máximo, porque tive a sorte de ser amada por você.

Ana

** * **

Ana,

Fui à Nova York na semana passada para dar algumas entrevistas de divulgação do meu próximo filme e, quando encontrei a mulher que ia me entrevistar para GQ, tive que fazer uma pausa, pois a forma como o cabelo escuro dela caía no rosto me fez lembrar de você.

Mas o sorriso dela era diferente.

Sinto saudades do seu sorriso.

Saudades de te ver rir.

Sinto falta do seu toque.

Estou esperando.

Jake

** * **

Jake,

Eu te amo.

Ana

** * **

Ana,

Eu te amo.

Jake



CAPÍTULO 08

JAKE

Todas as palavras que sonhei que Ana dissesse para mim estavam nessas cartas. Se eu soubesse da existência delas, teria voltado há anos e nunca a deixaria sair do meu lado. Observei as lágrimas escorrendo por suas bochechas enquanto seus olhos corriam de um lado para o outro ao ler as palavras que escrevi. Ela leu cada carta mais de uma vez, como se estivesse tentando voltar no tempo e imaginar o que teria acontecido se soubesse que eu ainda a amava.

Quando terminou a última carta, soltou um suspiro e enxugou os olhos. Ela começou a organizá-las, e as colocou de volta na caixa de correio em que as trouxemos.

— Cada palavra... — ela começou a falar, mexendo os polegares, mas suas palavras sumiram.

— Era o que nós dois estávamos esperando ouvir — terminei. Ana assentiu em concordância.

Ela levantou a cabeça e me encarou.

— Pode me girar? — perguntou, colocando as mãos sobre o coração. Eu me levantei e assenti, saindo do carrossel. Ela se levantou, agarrou o mastro e fechou os olhos.

Quando comecei a girar, ela sorriu. Girei cada vez mais rápido, correndo e rodando, observando seu sorriso aumentar enquanto o vento tocava sua pele. Quando chegou a hora, pulei para a plataforma. De pé, bem na frente dela, coloquei as mãos sobre as suas. Ela abriu os olhos, e eu vi o pequeno tremor em seu lábio inferior.

Continuávamos dando várias voltas, nossos olhos fechados, nossos corpos



juntos um do outro e nossas respirações pesadas. Seu coração estava acelerado como o meu? Ela estava nervosa também?

Seus olhos encararam meus lábios, os meus olharam para os dela, e, quando o carrossel começou a parar, meus batimentos cardíacos aceleraram.

— Ana — sussurrei, minha voz trêmula. — Foi aqui que eu...

— Me beijou — ela falou com suavidade, se aproximando mais e descansando as mãos no meu peito.

— Eu te beijei — respondi. — E você me beijou de volta.

— E eu te beijei de volta. — Nossas respirações estavam pesadas e desiguais, enquanto ela expirava, eu inspirei. Quando soltei meu ar, ela encontrou seu próximo fôlego.

— Jake?

— Sim?

— Me beije.

— Vou te beijar.

Minha boca pairou sobre a dela, meus lábios emoldurando os dela. Mesmo que eu quisesse mergulhar profundamente, estava determinado a aproveitar o momento. Queria viver esse instante o máximo que pudesse. Queria que essa fosse a minha lembrança favorita: o momento que encontramos o caminho de volta para o outro. Ela inclinou ligeiramente a cabeça, sem tirar os olhos de mim, e eu rocei meus lábios contra os seus. Minha mão envolveu seu corpo, puxando-a para mais perto, pressionando-a contra mim. Ela ficou um pouco ofegante e lentamente delineou meu lábio inferior com a língua antes de sugá-lo. Então eu era dela. Beijei-a com força e por muito tempo, saboreando seu gosto, me lembrando de como era beijar de um jeito que eu jamais esqueceria. Eu a amava há anos, e a amei ainda mais naquele exato momento. Minha língua deslizou em sua boca, e ela me beijou como se sentisse minha falta há anos e estivesse feliz por eu ter voltado. Quando nos separamos, me abaixei e fiquei de joelhos.

— Case-se comigo — pedi, sério.

— Quando? — ela perguntou.

— Agora — respondi.

Ela segurou minhas mãos e riu.

— Agora? Jake, não podemos nos casar agora.

— Por que não? A igreja está pronta, os bolos da Mima estão prontos, eu



estou pronto.

— Eu... — ela fez uma pausa e remexeu os pés. — O dia ficou marcado, não acha? Não posso me casar com você no dia em que me casaria com outro homem. Esse tipo de coisa faz de mim uma vadia de casamento.

Eu ri.

— Tudo bem. Case-se comigo amanhã.

— Você está falando sério? — ela perguntou, semicerrando os olhos. Assenti rapidamente. Eu me casaria com ela naquele minuto, se fosse possível. — E a sua carreira?

— Vamos dar um jeito nisso.

— E o meu trabalho?

— Vamos dar um jeito nisso também.

Ela fez uma careta antes que um sorriso minúsculo surgisse em seus lábios.

— Você quer ser meu marido? Mesmo?

— E quero que você seja minha esposa.

Ana se remexeu para a frente e para trás, fazendo o carrossel se mover de leve.

— Mima *fez* um monte de bolo. Seria um desperdício não os aproveitarmos.

Assenti.

— Fez mesmo.

— Você quer mesmo se casar com uma garota como eu? Uma garota confusa e machucada...

— Que é tudo o que eu sempre quis? Sim.

— Eu mudei um pouco desde que você foi embora. Sempre choro em comerciais de fim de ano.

— Você sempre chorou durante esses comerciais — zombei.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Eu também ronco. Alto.

— Você sempre roncou. Só não contei porque sabia que você tinha consciência disso.

Ela bateu no meu peito.

— Sério?!

— Você não me deixaria entrar no seu quarto se achasse que era um problema. Esse som era uma das minhas coisas favoritas para dormir. Agora,



case-se comigo.

— Amanhã? — ela perguntou.

— Amanhã — respondi — Diga sim?

Ela descansou a testa contra a minha, abriu os lábios sobre minha boca e assentiu enquanto sussurrava.

— Sim, sim, sim.



CAPÍTULO 09

JAKE

— Longe de mim querer dizer eu avisei, mas... — Minha mãe estava comigo no banheiro, arrumando a minha gravata. Em vez de uma grande cerimônia, Ana e eu achamos que seria melhor convidar alguns familiares e amigos próximos para que pudéssemos nos casar no quintal da casa da minha família.

Desde que a notícia sobre nosso casamento foi divulgada, umas oitenta pessoas apareceram sem ser convidadas, pois era o que acontecia em nossa cidadezinha.

— Mas você me avisou. — Sorri. — Obrigado por isso.

— É para isso que servem as mães. Porque é óbvio que vocês, crianças, não sabem de absolutamente nada. — Ela deu um passo para trás, colocou as mãos na cintura, e seus olhos se encheram de lágrimas. — Meu filho está crescendo.

Dei de ombros.

— Ainda não separo as roupas coloridas da branca na hora de colocar na máquina, se isso faz você se sentir melhor.

Ela revirou os olhos.

— Toda vez que sinto que estamos prestes a ter um momento especial, você vai lá e acaba com ele. — Ela bateu no meu braço e depois se inclinou para beijar minha bochecha. — Vá buscar sua garota.

— Vou mesmo.

Conforme saí do quarto, trombei com Eric, que vestia terno e gravata borboleta.



— Meu amigo! — ele gritou, se aproximando de mim e me dando tapinhas nas costas. Ele passou um braço ao redor do meu ombro e me puxou para uma foto rápida.

Sorri.

— Vai vender essa para o TMZ também?

Ele recuou, espantado.

— O quê?! Irmão, eu nunca faria algo assim. Você é meu amigo, não a minha fonte de renda. É por isso que vim aqui hoje, para me oferecer para consertar a confusão dessas fotos no carrossel que apareceram misteriosamente na internet.

Ergui uma sobrancelha.

— Sim, engraçado como isso aconteceu.

— Eu sei, é muito bizarro. Mas, de qualquer forma, estou aqui para me apresentar como seu padrinho.

— Bem, na verdade, nós vamos pular todo o...

Ele deu tapinhas nas minhas costas, com força.

— Não se preocupe, rapaz! Estou honrado! Vou ficar ao seu lado o tempo todo. Por falar em tempo, devemos ir para o altar agora. Vamos. — Ele segurou meu braço e me puxou, tirando mais uma foto enquanto caminhávamos para fora.

Bem, acho que eu teria um padrinho no fim das contas.

Quando entrei no quintal, estava cheio de gente. Todo mundo que eu conhecia desde a infância estava lá, sussurrando e olhando para mim. Mas, dessa vez, os sussurros eram muito diferentes dos de antes. Eles quase pareciam... gentis.

Meus olhos encontraram uma pessoa do outro lado, que estava um pouco escondida. Fiz uma careta quando ele acenou para que eu fosse até lá.

— Volto já, Eric — falei, cutucando-o no braço.

— Tudo bem, mas não se atrase, ok? Caso contrário, terei de me casar com a moça.

Eu ri e fui para o canto atrás de algumas árvores.

— Você tem muita cara de pau em aparecer aqui hoje — falei de um jeito frio, encarando Henry, que parecia deplorável.

— O mesmo poderia ser dito sobre um cara que se casa com uma garota no dia seguinte à data de casamento original — ele falou de volta. Minhas



mãos formaram punhos, e ele ergueu as suas em sinal de rendição. — Ok, ok, eu sei, fui longe demais. Olha, não vim aqui para começar uma briga. Só vim para me desculpar.

— Você está brincando comigo? Henry, você escondeu centenas de cartas de nós dois. Você atrapalhou nossa comunicação por anos!

— Eu sei, eu sei. Sei que não tem desculpa, mas lamento. Amber me disse que você não terminou com a Ana naquela época. Acho que uma parte de mim sabia disso. Eu sabia que você não era o tipo de pessoa que deixaria alguém assim. Mas eu sempre a quis, cara. Pelo menos, achei que queria. E acreditar que você era um filho da mãe tornou mais fácil considerar a ideia de estar com ela. Ah, eu contei a todo mundo na cidade o que aconteceu. Então, o ódio que você estava recebendo vai se tornar amor. Sinto muito e espero que você a trate melhor do que eu.

— Vou, sim — falei, confiante. Eu a trataria melhor do que nunca.

Henry fez uma careta e enfiou a mão no bolso de trás.

— Bem, se vai mesmo ter casamento, acho que você deveria ficar com isso. — Ele me entregou um pequeno anel com um diamante minúsculo. Era o anel que comprei para Ana quando a pedi em casamento naquela época. Em uma das cartas, eu o mandei de volta, pedindo que ela o guardasse até que estivesse pronta para que eu o colocasse em sua mão.

Peguei o anel, sem ter certeza do que dizer. Henry se virou e foi embora sem olhar para trás.

Quando chegou a hora, fiquei na frente de todos os moradores da cidade, esperando Ana cruzar o pequeno corredor em minha direção. Quando ela saiu da casa, e todo mundo se levantou para vê-la, meu coração parou de bater, mas, de alguma forma, passou a bater acelerado. Ela deu alguns passos na minha direção, usando um vestido branco simples e segurando um pequeno buquê de margaridas. Seu cabelo estava solto e caía sobre os ombros. Ela se parecia exatamente como era, sem muita maquiagem, sem um vestido muito armado — aquela era só a minha Ana. A garota que eu amaria pelo resto da vida.

Quando veio em minha direção com aquele sorriso nos lábios e brilho nos olhos, ela se inclinou e me beijou antes que nos mandassem, e eu a beijei de volta com gentileza, sabendo que não havia nada de tradicional naquele casamento.



— Eu te amo — ela sussurrou contra meus lábios.

— Eu te amo — sussurrei de volta.

O padre sorriu.

— Bem, isso parece adequado, já que as coisas estão sendo feitas ao contrário hoje. Mas, se não se importam, eu adoraria começar a cerimônia. — Todos riram.

Quando chegou a hora de trocar as alianças, seus olhos se encheram de lágrimas.

— É aquela...?

Assenti.

— Sim. Eu a consegui de volta com um velho amigo. — Deslizei o anel em seu dedo e prometi a ela tudo o que eu tinha: o bom, o mau e o melhor.

Uma vez que os votos foram trocados e nossa excitação quase nos dominou, o padre me olhou e perguntou.

— Jake, está pronto para beijar sua noiva de novo? Porque parece que você realmente quer beijá-la.

Abri um sorriso enorme.

— Sim.

E nos beijamos muitas vezes.

Se tivesse demorado mais dez anos para que Ana se tornasse minha, eu teria esperado todos os dias pela chance de abraçá-la perto do meu coração e sussurrar: “aceito”.

As cartas que escrevemos nos uniram e nos permitiram começar a história não escrita do nosso futuro juntos.

E seríamos felizes para sempre.

Sim, sim, sim.



Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

As cartas que escrevemos

Twitter da autora

<https://twitter.com/brittainycherry>

Goodreads da autora

https://www.goodreads.com/author/show/7121791.Brittainy_C_Cherry

Skoob da autora

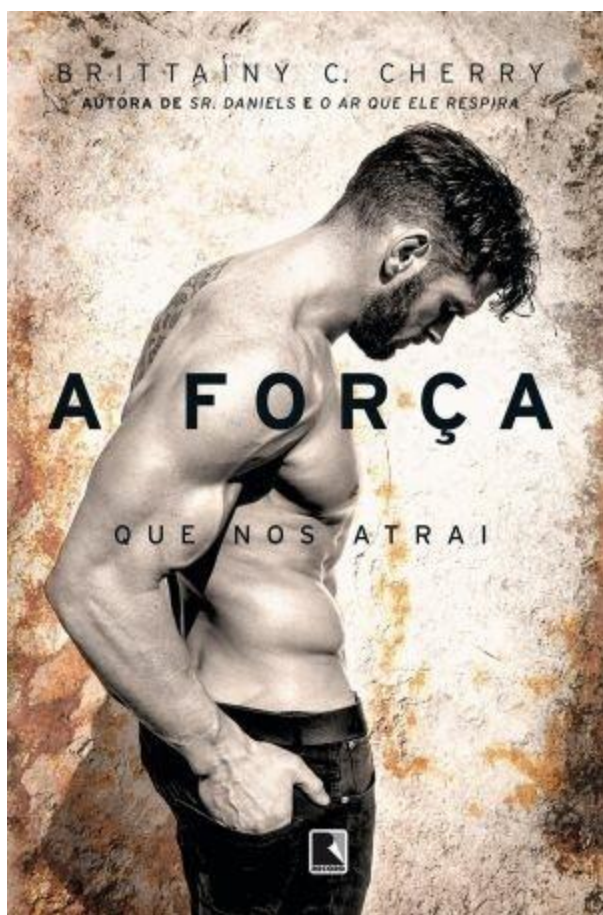
<https://www.skoob.com.br/autor/13246-brittainy-c-cherry>

BRITTAINY C. CHERRY

AUTORA DE SR. DANIELS E O AR QUE ELE RESPIRA

A FORÇA

QUE NOS ATRAI



A força que nos atrai

Cherry, Brittainy C.

9788501112989

294 páginas

[Compre agora e leia](#)

Romance da mesma autora de Sr. Daniels. Graham e Lucy não foram feitos um para o outro, mas é impossível resistir à atração que os une. Graham é um escritor atormentado, com o coração fechado para o mundo. Casado com Jane, em um relacionamento sem amor, ele vê sua vida virar de cabeça para baixo quando Talon, sua filha, nasce prematura e corre risco de morte. Abandonado pela esposa, ele agora precisa abrir seu frio coração para o desafio de ser pai solteiro. A única pessoa que se oferece para ajudá-lo é Lucy, a irmã quase desconhecida de Jane. Apaixonada pela vida, falante e intensa, ela é o completo oposto de Graham. Os cuidados com a bebê acabam aproximando os dois, e Lucy aos poucos consegue derreter o gelo no coração de Graham. Juntos, eles descobrirão o amor, mas os fantasmas do passado podem pôr tudo a perder.

[Compre agora e leia](#)

felicidade



humanos

romance

p.z. reizin



Felicidade para humanos

Reizin, P. Z.

9788501114822

392 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um romance divertido e atual. Jen está triste. Aiden quer que ela seja feliz. Ela é uma mulher de 30 e poucos anos cujo namorado acabou de trocá-la por outra, e Aiden é um programa de computador muito caro e complexo. Aiden conhece Jen melhor que ninguém. Com acesso a todos os seus dispositivos, sabe qual é a música mais tocada de sua playlist, consegue achar suas fotos preferidas e selecionar as citações que mais a inspiram nas redes sociais. A partir de observações e de algoritmos, ele resolve procurar um novo parceiro para ela. E, com a internet inteira à sua disposição, não precisa ir longe para encontrar o que conclui ser o espécime perfeito e arquitetar um encontro. O problema é que Jen não parece querer contribuir para esse plano infalível. Será que uma máquina conseguirá desvendar a inteligência emocional para interferir de um jeito positivo na vida de Jen? E, o que é mais difícil, será que essa máquina vai descobrir o que exatamente faz os seres humanos felizes?

[Compre agora e leia](#)

D. H. LAWRENCE

Autor de *O amante de Lady Chatterley*

O cigano

e outras histórias



O cigano e outras histórias

Lawrence, D. H.

9788501100238

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Antologia de contos do renomado escritor D. H. Lawrence, que reúne as principais características que o consagraram como um escritor polêmico e moderno para seu tempo. As questões da sexualidade, da figura feminina, do casamento, do adultério e os demais aspectos das relações interpessoais são temas frequentes em sua obra, o que fez com que, algumas vezes, fosse censurada, como aconteceu com o grande clássico *O amante de Lady Chatterley*. Nesta coletânea, estão incluídos os seguintes contos: "As filhas do pastor", "O espinho na carne", "Um estilhaço de vitral", "O oficial prussiano" e "O cigano". Este último, que dá título ao livro, surpreende pela lucidez do ponto de vista do autor, ainda na década de 1920. É por meio da história da jovem Yvette, filha do vigário, oprimida pela avó e pelas tias e pressionada pelo homem que quer lhe desposar, que Lawrence questiona o posicionamento da sociedade. O desejo permeia todas as histórias, aparecendo como importante direcionamento na vida dos personagens. Mesmo escrita no início do século XX, a obra de D. H. Lawrence permanece atual e instigante.

[Compre agora e leia](#)



MARIE-JOËLLE GUILLAUME

SÃO VICENTE DE PAULO

uma biografia



São Vicente de Paulo

Guillaume, Marie-Joëlle

9788501016720

518 páginas

[Compre agora e leia](#)

A obra que detalha a vida de São Vicente de Paulo. Nesta biografia, Marie-Joëlle Guillaume reconstrói a vida do camponês que se tornou santo, mostrando como Vicente de Paulo gradativamente se afirmou como uma consciência de seu tempo. Da parceria com Louise de Marillac, que despertou o compromisso e a generosidade das mulheres da alta sociedade, ao chamado que recebeu da rainha Ana da Áustria para combater o jansenismo, passando pelos horrores da Guerra dos Trinta Anos e as missões evangelizantes estrangeiras, esta é não apenas a biografia de um homem santo, mas também um relato da história do século XVII.

[Compre agora e leia](#)

MAIS DE 1 MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS NO BRASIL

L.J. SMITH

DIÁRIOS do VAMPIRO

CAÇADORES - VOL. 1

Espectro

Livro que deu origem à série
de TV *Vampire Diaries*



Espectro - Diários do vampiro: Caçadores - vol. 1

J. Smith, L.

9788501100320

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um novo ciclo se inicia em Diários do Vampiro. Em Espectro, primeiro volume da nova saga, Caçadores, que dá seqüência à trilogia O Retorno, Elena Gilbert e seus amigos salvaram Fell's Church dos espíritos malignos determinados a destruí-la. Mas a liberdade da cidade teve um preço: a vida de Damon Salvatore. A morte de Damon muda tudo. Ele e seu irmão, Stefan, disputam o coração de Elena em uma batalha cruel e sanguinolenta – por amor, os três já foram ao inferno e voltaram, literalmente. Agora que Damon se foi, Elena e Stefan podem finalmente ficar juntos. Mas é isso que ela quer? Então por que não para de sonhar com Damon? Tudo que Elena deseja é uma vida normal, mas ela deveria ser a primeira a saber que Fell's Church nunca poderá ser a mesma. Um novo mal fervilha na cidade; algo ou alguém que parece escolher cuidadosamente suas vítimas está à espreita e desperta as piores emoções de cada um. Elena conhece a escuridão, mas dessa vez o horror não se parece com nada que ela já tenha vivido. E agora ela só tem um irmão Salvatore para protegê-la. L.J. Smith escreveu diversos livros para jovens, entre eles as séries Diários do Vampiro, Círculo Secreto e Mundo das Sombras. Ela é mais feliz quando está em frente da sua lareira em uma cabana em Point Reyes, na Califórnia, ou andando pelas praias da região.

[Compre agora e leia](#)